

DE FONTE A OBJETO: ESPORTE, HISTÓRIA E AUTOBIOGRAFIA¹

Matthew Taylor²

Montford University

Leicester, Reino Unido

mtaylor@dmu.ac.uk.

Resumo

Este artigo reexamina o valor histórico de autobiografias esportivas ao considerá-las não apenas como fonte material, mas como um objeto merecedor de análise por si próprio. Ao localizar o tópico dentro de debates mais amplos sobre o tratamento dispensado por historiadores a textos autobiográficos, ele considera a emergência e o desenvolvimento do livro de memórias de esporte como uma forma popular de literatura autobiográfica. Focando em um estudo de caso do esporte britânico, ele identifica a emergência de um boom em autobiografias do esporte após a Segunda Guerra Mundial, e examina importantes questões de autoria, estrutura e conteúdo nos próprios textos. Uma breve análise dos textos selecionados também marcam os possíveis olhares que as autobiografias de esporte oferecem em relação a relações e tensões entre o atleta e o público, a esfera pública e a privada, e o eu e a sociedade.

Palavras-Chave: Esporte britânico; autobiografia; autoria.

Abstract

Economists and Sport History

This article re-examines the historical value of sports autobiography by considering it as not simply source material but as a subject worthy of analysis in its own right. Locating the topic within wider debates over historians' treatments of autobiographical texts, it considers the emergence and development of the sports memoir as a popular form of autobiographical writing. Focusing on a case study of British sport, it identifies the emergence of a post-Second World War boom in sports autobiography, and examines the important issues of authorship, structure, and content in the texts themselves. A brief analysis of selected texts also highlights the potential insights sports autobiographies offer into the relationships and tensions between performer and audience, the private and public sphere, and the self and society.

Keywords: British Sport; autobiography; authorship.

¹ Tradução inédita em português. Original em inglês publicado no *Journal of Sport History*, volume 35, número 2, 2008, p. 469-491. Traduzido com autorização do autor e do *JSH*. Com esta tradução, *Recorde* busca contribuir para a divulgação, em língua portuguesa, de artigos relevantes da produção acadêmica em inglês na área de História do Esporte.

² O título foi emprestado de James S. Amelang (1998, p. 16).

A literatura biográfica e autobiográfica sobre o esporte é indubitavelmente vasta. Uma bibliografia recente anotou aproximadamente 2.500 estudos sobre indivíduos (e animais) esportistas, quase 2000 somente na Grã-Bretanha (COX, 2003). Autobiografias de estrelas do esporte estão, há muito tempo, entre os mais populares livros de memórias de celebridades, tanto para editores quanto para leitores. Na realidade, relatos de vidas e carreiras no esporte em primeira pessoa – de atletas, treinadores, técnicos, dirigentes e gerentes – superam facilmente o número de estudos jornalísticos e acadêmicos e provavelmente representam o corpo de material publicado mais substantivo sobre a história do esporte. No entanto, os historiadores do esporte que os consideram frívolos em demasia e pouco confiáveis para o estudo acadêmico questionam o valor desse material. Alguns, de acordo com Douglas Booth (2005, p. 77), não encontraram “nenhum lugar para o estudo histórico” de biografias e autobiografias, ao passo que Joan Chandler (1999, p. 43) alertou seus colegas para tratar o trabalho de autobiógrafos do esporte com “o máximo de atenção”, pois estes poderiam “desinformar em sua escrita”, e criar e construir uma autoimagem favorável. Até mesmo Stephen Wagg, cujo trabalho sobre jogadores, técnicos e mídia do futebol fez uso extenso de autobiografias, foi sincero sobre os limites do material. “O que quer que estes livros possam ser”, ele notou, “eles são relatos pessoais; eles não analisam o mundo do futebol – eles somente fornecem as matérias primas para fazê-lo” (WAGG, 1984, p. xiii).

O objetivo deste artigo é sugerir diferentes formas experimentais com que historiadores possam abordar o estudo da escrita autobiográfica no esporte. Ainda que ele não seja focado primordialmente em uma leitura minuciosa de autobiografias como textos literais, ele reconhece o potencial da autobiografia de ser um repositório de sentidos e “um artefato cultural (...) capaz de produzir ‘realidade’”. Ele deve ser visto, nesse sentido, como o que Jeffrey Hill chamou de “texto ativo”, um que o poder de moldar como seus leitores compreendem e fazem sentido do mundo em que vivem (HILL, Jeffrey, 2006, p. 26-27). No entanto, autobiografias

não são romances. Se a relação entre ficção e “realidade” histórica foi exaustivamente analisada, as conexões das duas com autobiografias ainda não o foi. Até certo grau, historiadores estiveram mais dispostos a “confiar” em autobiografias porque, ao contrário da ficção, ela parece se relacionar com experiências e vidas “reais”. Mas por seu desprezo por cronologia, suas seleções omissões, exageros e silêncios, sua falta de confidencialidade, sua contrução literária, e sua própria subjetividade, a autobiografia também foi considerada por historiadores como uma fonte imperfeita. Com seu potencial de induzir ao erro, a informação autobiográfica tem sido tratada com circunspeção, e tem sido sujeita ao exame minucioso e à referência cruzada. A força da argumentação aqui é que estudiosos deveriam olhar além dos fragmentos de informação verificável que podem ser coletados de autobiografias esportivas e, em seu lugar, focar em seu desenvolvimento como textos culturais, produzidos e consumidos em números significativos e crescentes e com o poder de afetar como as estrelas e seus esportes são percebidos na sociedade.

Em sua preocupação com o valor histórico das autobiografias esportivas, este artigo se baseia em uma literatura pequena, mas crescente. O exame de Gary Osmond sobre os livros de memórias de nadadores australianos, por exemplo, aborda as autobiografias como uma forma de memória social. Aqui, os textos são percebidos como “performances” que detêm significados através de sua “reflexão de significados pessoais e públicos de eventos históricos compartilhados” (OSMOND, 2003, p. 63-64). Ao focar no leitor, assim como no escritor, e nas formas de contar a história no livro diferentes da prosa, Osmond mostra como autobiografias podem atuar “como instâncias de memória social para o indivíduo e sua época” (OSMOND, 2003, p. 66). Sob perspectiva muito distinta, Andrew Sparkes (2004) avaliou a construção e coexistência de identidades e eus múltiplos dentro de textos autobiográficos, assim como o “molde cultural” de histórias individuais por narrativas enfatizantes de corpo, individualismo, masculinidade e, no caso do ciclista Lance Armstrong, doença. Mais recentemente, James W.

Pipkin empregou técnicas de crítica literária – o uso de linguagem, metáfora e estratégias retóricas – para examinar temas e significados recorrentes de autobiografias esportivas americanas. Sua preocupação é menos com a realidade factual e objetiva do testemunho do que o “diferente – e mais profundo – tipo de verdade que atletas revelam ao falar sobre suas experiências” (PIPKIN, 2008, p. 4). Posicionado “dentro das linhas” do esporte, o interesse principal de Pipkin não é tanto as estruturas e padrões, mas o que ele identifica como os motivos distintivos da autobiografia esportiva, especialmente infância e adolescência, imagem do corpo, a “mágica” do desempenho de elite e ansiedades e medos sobre a aposentadoria e o final da carreira.³

Apesar de seus *insights* fascinantes, nenhum desses estudos focou especificamente em autobiografias como construções históricas. O objetivo aqui, por contraste, é considerar tanto seu contexto históricos como literário. A intenção não é fornecer um relato exaustivo da história de um subgênero, mas o de destacar o que me parecem ser temas interessantes e direções para estudos futuros. Este trabalho começa com o exame do tratamento de autobiografias por historiadores de uma forma geral, antes de delinear brevemente o desenvolvimento de livros de memória e autobiografias esportivas na Inglaterra dos séculos XIX e XX. Focada especialmente em autobiografias de profissionais masculinos em esportes como futebol e boxe de meados do século XX, as terceira e quarta seções do artigo lidam com aspectos de autoria, estrutura e conteúdo. Juntamente com a seção final, eles também destacam os possíveis olhares que as autobiografias esportivas oferecem em relação a relações e tensões entre o atleta e o público, a esfera pública e a privada, e o eu e a sociedade. Ao olhar para esses temas, a intenção foi considerar os livros de memórias esportivas no contexto mais amplo de tradições e modelos de autobiografias populares e dialogar com a considerável literatura que existe sobre o tema.

³ Ver também James Pipkin (2005).

Historiadores e Autobiografia

Historiadores sentem tradicionalmente pouca necessidade de refletir sobre a relação entre sua disciplina e o gênero de autobiografia. Apesar das similaridades entre relatos históricos e autobiográficos como versões do passado, historiadores são geralmente relutantes em tratar a narrativa do eu de uma vida individual como algo mais do que uma forma um tanto dúbia de fonte. Desde o século XIX, como Jeremy D. Popkin (2005, p. 15-22) habilmente demonstrou, historiadores, ávidos por estabelecer as credências científicas de sua disciplina, buscam se distanciar da autobiografia. Caracterizada por parcialidade e subjetividade pessoais, relatos de primeira pessoa foram abordados com suspeitas por historiadores críticos. Na hierarquia de fontes primárias, eles detinham um status relativamente baixo. Escrevendo em 1960, G. Kitson Clark considerava as autobiografias e memórias de “pessoas eminentes” como o “menos convincente de todos os registros pessoais” (*apud* POPKIN, 2005, p. 16), enquanto para A. J. P. Taylor, memórias escritas eram “feitas para enganar historiadores” e eram “inúteis, a não ser pela atmosfera” (*apud* THOMPSON, 1988, p. 104). Historiadores políticos eram especialmente céticos. Michael David Kaniah, por exemplo, escreveu que autobiografias são “pontos de referência importantes” quando fontes mais confiáveis sobre figuras políticas não estão disponíveis, mas alerta que historiadores devem ter cuidado devido à falibilidade da memória e a tendência de autores a justificar ações e exagerar suas realizações (KANIAH, 1996, p. 317). A autobiografia era, assim, amplamente considerada subordinada à “história” propriamente dita: um gênero de literatura que poderia oferecer um sabor de uma visão especial, talvez, mas que era inadequada para a tarefa mais substancial de compreender sociedades passadas em toda sua complexidade.

Alguns escritores, é certo, opunham-se a essa ortodoxia. A tentativa mais séria de “reconectar história e autobiografia” (POPKIN, 2005, p. 17) veio do filósofo alemão Wilhelm

Dilthey (1833-1911) que, em suas reflexões sobre o significado de história, argumentou que a autobiografia representava “a maior e mais instrutiva forma na qual o entendimento da vida nos confronta”. Como uma extensão da autorreflexão normal de indivíduos, a autobiografia era particularmente valiosa para uma maior compreensão da história: “a pessoa que busca os fios de conexão na história de sua vida já criou, sob diferentes pontos de vista, uma coerência naquela vida que ele agora busca colocar em palavras (...). [O] primeiro problema de captar e apresentar conexões históricas já é parcialmente resolvido pela vida” (Dilthey *apud* POPKIN, 2005, p. 18). Com sua visão crucial sobre a experiência humana, a autobiografia era, para Dilthey, “a chave para o entendimento da curva da história” (James Olney *apud* MARCUS, 1994, p. 137). Muito mais tarde, na década de 1970, Kenneth Barkin tentou reabilitar a autobiografia aos olhos dos historiadores, demonstrando a riqueza dos relatos em primeira pessoa para aqueles estudiosos interessados nos “sentimentos e preconceitos” de indivíduos, e até mesmo sugerindo que a construção e o estilo da escrita autobiográfica poderiam proporcionar ideias importantes sobre as “categorias conceituais básicas” do escritor (Barkin *apud* POPKIN, 2005, p. 19). Como um “construto tanto cultural como pessoal”, escreveu outro historiador, as autobiografias poderiam destacar “não apenas o quadro mental no qual o livro foi escrito, mas também o modo como se vivia a vida” (TOSH, 2000, p. 63).

Tais ideias tiveram influência crescente na história social e cultural. Mudanças nas tendências da história dos anos 1970, em especial o desenvolvimento da “história vista de baixo” e um interesse revivido nas vidas das pessoas comuns, reabriu os olhos de muitos historiadores para as possibilidades oferecidas por materiais autobiográficos. Ao passo que estudiosos voltavam suas atenções para a experiência individual e suas representações, as autobiografias e outros “egodocumentos” se tornaram valiosos *por*, e não apesar de, sua

subjetividade.⁴ Eles foram cada vez menos utilizados como retratos pessoais de eventos mais amplos, e mais como registros “de ideias prevalecentes sobre si” (BJORKLUND, 1998, p. 9). No entanto, ao passo que autobiografias são há muito aceitas como fontes das quais evidências sobre valores, sensibilidades e identidades existentes podem ser derivadas, historiadores levaram algum tempo para trata-las como objetos merecedores de exame por si próprios. Em contraste com a ênfase nos estudos literários sobre um cânone seletivo de literatura autobiográfica moderna de Rousseau e Goethe em diante, historiadores sociais estiveram ansiosos para investigar um corpo menos celebrado de autobiografias populares da classe trabalhadora. Na Inglaterra, os estudos de John Burnett e David Vincent sobre autobiografias de trabalhadores dos séculos XIX e XX foram importantes nesse sentido, enquanto o trabalho de Mary Jo Maynes e James S. Amelang sobre a Europa do século XIX e da era moderna, respectivamente, destacaram o modo com que relatos de primeira pessoa podiam atuar tanto como registros e agentes de formação de identidades de classe (BURNETT, 1994; VINCENT, 1981; MAYNES, 1995; AMELANG, 1998). Pesquisas recentes estenderam essas técnicas para autobiografias de profissionais de classe média de ambos os sexos, demonstrando como a escrita de vidas desse tipo informavam sentidos mais amplos de masculinidade e feminilidade de classe média.⁵

Um interesse crescente em estudos literários, textos e métodos certamente influenciou essa “virada para a autobiografia” entre alguns historiadores (DENTITH e DODD, 1998, p. 6). Ainda que não seja aqui o local para se desenvolver diretamente os debates sobre as reivindicações de verdade na história, a qualidade narrativa da escrita histórica e a relação entre história e literatura, é necessário considerar brevemente onde o material autobiográfico se encaixa. Em certo nível, o argumento para aceitar a capacidade da ficção em criar (ao invés de

⁴ Ver Rudolf Dekker (2000, p. 12-20).

⁵ Ver Patrick Joyce (1994), Donna Loftus (2006), Michael Dintenfass (1998) e Mary Jean Corbett (1992).

simplesmente refletir) significados e moldar mentalidades é igualmente pertinente para a autobiografia.⁶ Críticos literários tendem a tratar a autobiografia como eles tratariam outros textos “literários”, focando-se em questões de autoria, estrutura, linguagem, trama e tema. Alguns as consideram como “um processo de criação semi-ficcional, com pouco ou nenhum paralelo necessário para um fato ou verdade extratextual” (BUCKLEY, 1984, p. vii). A partir da década de 1990, no entanto, essa distinção entre as pretensões factuais da história e o caráter ficcional da autobiografia não era tão rapidamente aceita. Até mesmo Paul John Eakin, que insistira no papel da imaginação e da ficção em textos autobiográficos, aceitava que autobiografias forneciam “acesso à história” e enfatizava o papel do autobiógrafo como testemunha e agente da história (EAKIN, 1992, p. 141). David McCooey também argumentou contra a associação da autobiografia com a ficção e insistiu em seu estatuto histórico. Enquanto romances podem ser autobiográficos e autobiografias podem “parecer” romances, esses são similares apenas na forma: em última instância, a audiência reconhece a correspondência entre o texto autobiográfico, o autor e a vida histórica. “Como outras formas de história”, escreveu McCooey, “[a autobiografia] é uma forma de testemunho e como tal não é autônoma da forma como a ficção e a poesia são. Ela é uma forma de escrita social (e logo uma escrita moral) e aberta a todas as verificações e limitações dos testemunhos” (MCCOOEY, 1996, p. 164).

Já que a autobiografia é assim tão claramente relacionada à história, deveríamos evitar o colapso das fronteiras entre ambas. Ao reconhecer suas similaridades, deixando claras as diferenças entre escritas histórica, autobiográfica e ficcional, a abordagem de Popkin é especialmente útil nesse respeito. Baseando-se em uma leitura minuciosa dos trabalhos de Paul Ricoeur, ele descreve tentativas de unir os três gêneros como “uma simplificação do fazer histórico”. Ao contrário da ficção, a história e a autobiografia “reivindicam contar histórias verdadeiras sobre pessoas reais”, e o fazem com o relato de suas narrativas na estrutura do

⁶ Sobre isso, ver Jeffrey Hill (2006, p. 22, 25).

tempo do calendário e mantendo uma consciência da sucessão de gerações humanas (POPKIN, 2005, p. 278-279). Da mesma forma, Popkin argumenta, a autobiografia deveria ser considerada distinta da história por diversos motivos importantes: sua relação ambígua com a documentação, sua vontade em explorar “a experiência interior do tempo”, e sua falta de conclusão, a necessária ausência de um final genuíno para a narrativa (POPKIN, 2005, p. 50).⁷ Olhada nessa perspectiva, a autobiografia deveria ser reconhecida como um “terceiro gênero”, um que compartilha características importantes tanto com a ficção como com a história, e cruza com elas em áreas significativas, mas ainda retém qualidades próprias (POPKIN, 2005, p. 279). Como uma forma distinta de escrita narrativa sobre o passado, há um forte argumento para que a autobiografia seja levada a sério por historiadores, como um objeto e como fonte.

O desenvolvimento da autobiografia esportiva

De acordo com o teórico da literatura Roy Pascal, a autobiografia se tornou, a partir de 1960, “um elemento significativo e ubíquo na cultura moderna”. No entanto, havia, sob seu ponto de vista, uma diferença considerável entre textos literários, vistos como explorações sérias do eu interior, e autobiografias populares, que advinham “da vaidade ou do exibicionismo, que satisfaz a estimulada mania por ‘personalidades’” (PASCAL, 1960, p. 59). Tais distinções entre o privado e o público, o “eu” e a “vida”, eram igualmente centrais nas discussões, no século XIX, do gênero em evolução. Alguns escritores consideravam a autobiografia como uma forma de arte refinada, que apenas aqueles de certo status social e literário poderiam participar. Escrevendo em 1826, James Lockhart (*apud* VINCENT, 1981, p. 30) lamentou a escrita de memórias de “grumetes e caixeiros” e a vulgarização do gênero por aqueles que buscavam sobretudo lucrar com suas lembranças. Outro crítico repreendeu aquelas “pessoas de pretensões inferiores” que ousavam “se intrometer na legítima classe

⁷ Sobre a incapacidade da biografia agir como a “conclusão” de uma vida, ver também Joyce (1994, p. 154-155).

autobiográfica” (MARCUS, 1994, p. 30-33). Vincent descreveu o artigo de Lockhart como “o primeiro reconhecimento público da emergência de uma nova voz na tradição da autobiografia”. Algumas autobiografias da classe trabalhadora foram certamente rejeitadas como tentativas de imitar formas burguesas de literatura, mas a maior parte dos leitores da classe média as encorajava, vendo nelas uma “forma de saciar suas curiosidades e seus medos” sobre a classe trabalhadora (VINCENT, 1981, p. 29, 36). Essa escrita florescia ao longo do século XIX como um “gênero incrivelmente diverso e fértil” (BURNETT, VINCENT e MAYALL, 1984, p. xiii). Sua extensão é clara nos 804 textos que cobrem o período de 1790-1900, coletados por Burnett, Vincent e John Mayall no primeiro volume de sua bibliografia comentada, *The Autobiography of the Working Class* (1984).

As autobiografias de profissionais do esporte britânico do século XX tiveram seus antecedentes nas primeiras formas de literatura biográfica da classe trabalhadora. Os exemplos do século XIX são escassos e espaçados. Pode-se sugerir que as mais antigas das autobiografias esportivas foram os relatos de vida de *gentlemen* das classes altas ou de aristocratas em esportes de campo tradicionais, como caça e pesca, mas também hipismo, golfe e críquete. Estes eram geralmente escritos por amadores: homens ricos e de status, que caçavam, tinham cavalos ou patrocinavam equipes de críquete e que praticavam esportes como uma distração de lazer e não como uma profissão. Uma ou duas figuras esportivas proeminentes de origem trabalhadora, no entanto, colocaram a caneta no papel nesse período. O primeiro a fazer isso talvez tenha sido o jóquei Sam Chifney, que publicou seu livro com um título nada modesto, *Gênio Genuíno*, em 1805, sob o exorbitante preço de £5 como uma contribuição para quitar suas dívidas. Ele detalhou seu período como empregado do Príncipe de Gales, revelando-se, de acordo com um relato, como “vilão” e “egomaniaco” (ONSLow, 1971, p. 30; LONGRIGG, 1972, p. 94). O primeiro exemplo registrado por Burnett, Vincent e Mayall e na bibliografia de autobiografias britânicas de William Matthew foi o livro de

memórias de Daniel Mendoza, o famoso lutador judeu de finais do século XVIII e início do século XIX, publicada originalmente em 1816. Em um relato colorido de sua ascensão à proeminência social e no esporte nacional, e sua subsequente queda em dívidas e pobreza, a obra de Mendoza era o tipo de memórias que Lockhart e outros acusavam de vulgarizar e degradar o gênero (MENDOZA, 1816).⁸ Um pequeno número de esportistas vitorianos e eduardianos seguiram seus passos. Um deles foi W. G. Grace, a figura esportiva mais conhecida de seu tempo, cuja duas obras, *Cricket* (1891) e *Cricketing Reminiscences and Personal Recollections* (1899), estiveram entre as oito memórias de críquete publicadas entre 1890 e 1909. As outras incluíam a obra de Albert Shaw, *bowler* do Nottinghamshire e da seleção inglesa de críquete, técnico e juiz, *Cricketeer: His Career and Reminiscences*, publicada em 1901, e a de Richard Gorton Barlow, *Forty Seasons of First Class Cricket*, de 1908. Mas, em geral, livros de memórias e autobiografias praticamente não eram representados no crescente mercado de literatura esportiva de não ficção no final da era vitoriana e na era eduardiana (HUGGINS, 2004, p. 157-158, 170-172). As lembranças de esportistas, de todas as classes, eram consideradas menos apelativas aos leitores do que instruções sobre habilidades, técnicas e etiqueta social do esporte. A maioria das “histórias de vida” de esportistas eram publicadas em jornais e revistas, e não em livros. Curtos relatos biográficos ou retratos desenhados de esportistas eram um característica comum da imprensa nacional e local vitoriana, e as figuras mais conhecidas geralmente contribuía com artigos curtos documentando conquistas, experiências ou ambições. Mais tarde, os jornais incluíram seções regulares sobre atletas e os famosos capitães de clubes ou seleções, ou mesmo dirigentes, árbitros e administradores de equipes esportivas. Cada vez mais, a “história de vida” esportiva seria serializada por um número de semanas ou mesmo meses, com uma relato narrativo de eventos significativos na carreira do autor desde seus tempos de escola. Algumas vezes, ela

⁸ Ver John Burnett, David Vincent e David Mayall (1989, p. 48) e William Matthews (1968).

revelava retratos e, ocasionalmente, atitudes em relação a colegas competidores. Assim, o popular boxeador peso pesado Bombardier Billy Wells teve a história de sua vida serializada continuamente de maio de 1914 a março de 1915 na semanal *Respostas*, enquanto *Thomson's Weekly News* publicou uma nova autobiografia de Wells em quarenta partes em 1920 (SHIPLEY, 1989, p. 106-107). Com a crescente concentração de jornais nacionais semanais como *People* e *News of the World* na sensacionalização das notícias esportivas durante a década de 1930, essas “histórias de vida” começaram a abordar questões que até então eram raramente discutidas nas publicações, como disputas entre treinadores e empregados, as inter-relações de colegas de clube e rivais, e críticas aos regulamentos do esporte, como o sistema de transferências e o teto salarial no futebol. As “lembranças” publicadas em *News of the World* sobre o recentemente aposentado jogador escocês Alex James pode ter representado um ponto de virada nessa questão. Sob o título “*Soccer – With the Lid Off!*”, James prometia contar a verdade sobre as “negociatas” do futebol e revelar “os subterfúgios, as conspirações, as tramoias e a bajulação que cercavam a vida de um grande jogador” (HARDING, 1988, p. 187-190).⁹ A maioria das “histórias de vida” eram relativamente anódinas em comparação, mas as memórias sensacionalistas iriam se tornar um dos modelos da tradição de literatura que autobiógrafos esportivos optaram por adotar.

Autobiografias em livros cresceram em volume no entre guerras, mas ainda eram comparativamente raras e geralmente o privilégio de esportistas da classe média e de figuras administrativas sêniores. Burnett, Vincent e Mayall (1987) registraram apenas dezesseis autobiografias de “esportistas” em seu segundo volume, que cobria autores nascidos no período entre 1900-1945. Alguns dos jogadores de críquete mais famosos do período, no entanto, tiveram suas memórias publicadas no entre guerras. Jack Hobbs, rebatedor inicial e provavelmente o esportista profissional mais popular de seu tempo, produziu três (HOBBS,

⁹ *News of the World*, Londres, 29 ago. 1937; 5 set. 1937.

1924; 1931; 1935). O campeão de Wimbledon, Fred Perry, publicou *My Story* em 1934, enquanto os profissionais do golfe do período pré-1914, como Sandy Herd e Harry Vardon, assim como a campeã feminina Joyce Wethered, produziram suas autobiografias (PERRY, 1934; HERD, 1923; VARDON, 1933; WETHERED, 1933).¹⁰ Mas no boxe e no futebol, os livros de memórias de dirigentes e administradores eram mais comuns do que aqueles dos grandes praticantes da classe operária. Dois proeminentes juizes de boxe – Eugene Corri (1919) e Joe Palmer (1927) – escreveram autobiografias, mas entre os lutadores, há apenas a do campeão galês peso mosca Jimmy Wilde, *Fighting Was My Business* (1938). O secretário da Football Association, Frederick Wall, e o dirigente William Pickford escreveram suas reflexões sobre a política do futebol inglês do início do século XX durante os anos 1930, enquanto autobiografias dos famosos técnicos do Arsenal, Herbert Chapman e George Allison, foram publicadas em 1934 e 1938, respectivamente (WALL, 1935; PICKFORD, 1939; CHAPMAN e GRAVES, 1934; ALLISON, 1938). No entanto, a vida de nenhuma das estrelas do futebol inglês do entre guerras foi considerada digna de publicação em livro similar em sua época.

A era de ouro das autobiografias esportivas na Inglaterra foram as décadas de 1940 a 1960. No final dos anos 1940, as principais editoras de Londres começaram a se interessar cada vez mais em livros esportivos e a autobiografia das estrelas foi um importante elemento nesse sentido. Editoras como Stanley Paul, Nicholas Kaye e Hodder & Stoughton começaram a contratar alguns dos principais esportistas daquela geração e do passado recente para escrever suas autobiografias (em geral através de *ghostwriters*). Companhias dedicadas a assuntos esportivos foram estabelecidas, como a Sporting Handbooks, que publicou *Football Ambassador*, de Eddie Hapgood (1945), e *Football Is My Business*, de Tommy Lawton (1946), juntamente com literatura esportiva popular, como *Hamilton of the “Ringers”*, de Ernest Taylor (1946), um relato fictício de campanha do Belchester Rovers para bater o Arsenal na

¹⁰ Ver também Richard Holt (2005), Mike Huggins e Jack Williams, 2006, p. 57-58.

Liga de Futebol inglesa (HAPGOOD, 1945; LAWTON e PESKETT, 1946; TAYLOR, E., 1946; CARTER e LANCHBERY, 1950).¹¹ Outro importante elemento foi a criação de clubes de livros esportivos, que ofereceram a membros livros recentemente publicados a preços com descontos. O mais famoso desses, o *Sportsman Book Club*, funcionou de meados da década de 1950 à de 1960 e se especializou em publicar suas próprias edições de biografias e autobiografias de estrelas do críquete, futebol, rúgbi, atletismo, boxe e tênis. O grande volume de literatura autobiográfica esportiva no pós-guerra era sem precedentes. Se sessenta e três autobiografias esportivas foram publicadas na Inglaterra durante a década de 1920, e setenta e quatro na de 1930, 123 foram publicadas nos anos 1950 e 175 na década seguinte. Livros de memórias de futebol superaram os de críquete, com hipismo, montanhismo e outros esporte mais atrás.¹² As vidas das personalidades mais conhecidas eram atualizadas, reescritas e reeditadas para o consumo do público de forma regular. Denis Compton, jogador da seleção inglesa de críquete e futebol, produziu autobiografias em 1948, 1952 e 1958. Billy Wright, capitão dos Wolverhampton Wanderers e da seleção inglesa por grande parte dos anos 1950, teve quatro publicações (WRIGHT, 1950; 1953; 1957; 1962) entre 1950 e sua mudança para técnico em 1962.

O boom autobiográfico coincidiu com um período de transição no status da personalidade esportiva. Mike Huggins e Jack Williams ranquearam as principais estrelas esportivas inglesas do período entre guerras abaixo da família real, dos primeiros ministros e de estrelas do cinema, mas acima de escritores, pintores e escultores, em termo de reconhecimento público. Através da disseminação de seus nomes e imagens em jornais e revistas, em cinejornais, em pacotes de cigarros e até mesmo em filmes, os nomes mais conhecidos se tornavam cada vez mais reconhecidos e celebrados como “símbolos nacionais” (HUGGINS e

¹¹ Ela também publicou uma versão revista de *The Book of Cricket*, de Sir Pelham Warner (1943).

¹² O número de livros de memórias sobre o futebol publicados pulou de apenas três, em 1930-1939, para setenta e cinco, em 1960-1969, ao passo que os de críquete cresceram de forma menos acentuada, de quinze, em 1930-1939, para trinta, em 1950-1959, caindo para vinte e seis em 1960-1969. Calculado a partir do material em Cox (2003).

WILLIAMS, 2006, p. 43). Mudanças mais amplas no status nacional do esporte e da percepção pública das celebridades foram importantes nesse sentido. Estudos americanos de biografias em revistas populares e de autobiografias em livros mostraram uma mudança evidente no interesse do público, que se distanciava dos chamados “ídolos de produção” – figuras da vida política, dos negócios e de profissões – e se aproximava dos “ídolos de consumo”, definidos de forma ampla para incluir artistas, figuras do esporte e escritores (LOWENTHAL, 1953; BJORKLUND, 1998, p. 180-182).

Na Inglaterra, também, havia, especialmente após 1945, um interesse crescente nas vidas de artistas profissionais, incluindo as estrelas do esporte. As décadas de 1930 até 1960 testemunharam o quieto e modesto profissional superar sua contraparte, o flamboyant amador, como exemplo do heroísmo esportivo britânico. Jogadores de críquete como Jack Hobbs, o primeiro profissional de críquete a ser condecorado, em 1953, e Len Hutton, o primeiro profissional escolhido como capitão da Inglaterra em 1952, eram figuras populares entre os torcedores do esporte, mas eram cada vez mais conhecidos e admirados pelo público geral também.¹³ Jogadores de futebol, boxeadores e outros esportistas da classe operária também se tornavam gradualmente mais reconhecidos como personalidades nacionais tanto fora como dentro da indústria esportiva. A Segunda Guerra Mundial pode ter sido particularmente importante para assegurar que os esportistas profissionais fossem conhecidos e valorizados por todo o espectro social de forma que havia sido previamente limitada aos *gentleman* amadores. O impacto democratizante da “Guerra do Povo”, foi sugerido, ajudou a elevar o status e a fama de um punhado de esportistas da classe operária para além do mundo do esporte, em um nível sem precedentes de reconhecimento nacional e “superestrelismo” (WOOLRIDGE, 2002; 2008). A onda de interesse pelo esporte nos anos imediatamente após a guerra também reforçaram a importância dos principais nomes, que eram vistos de forma crescente como

¹³ Ver Richard Holt (1996; 1998).

representantes do caráter e do prestígio nacionais. A autobiografia publicada refletia e contribuía para o processo de se tornar “conhecido” como uma estrela. Ela iria se tornar um elemento essencial no portfólio de uma estrela: uma indicação da familiaridade nacional e de conquista na carreira. Mas ela era também crucial na construção, seleção e popularização de histórias e mitos pelos quais as estrelas esportivas seriam lembradas.¹⁴ A autobiografia, poder-se-ia argumentar, era uma das mais importantes das coleções de imagens e narrativas que criavam o “texto” multifacetado da personalidade esportiva britânica do século XX.

Autoria

É importante, agora, olhar com maior detalhe para o caráter das autobiografias esportivas em três importantes sentidos: em primeiro lugar, a questão da autoria; em segundo, a influência de tradições autobiográficas e de outros gêneros no padrão e na estrutura; e em terceiro, o conteúdo desses livros e suas correspondentes ênfases e silêncios. Para confrontar esses assuntos, precisamos retornar ao problema de definição que está no cerne de muitas análises históricas e literárias sobre a autobiografia. Em seu trabalho influente e frequentemente citado, o acadêmico francês Philippe Lejeune definiu a autobiografia como um “prosa narrativa retrospectiva escrita por uma pessoa real sobre sua própria existência, onde o foco está em sua vida individual, especialmente na história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1989, p. 4). Para a compreensão de Lejeune sobre a autobiografia como um gênero distinto e referencial, é crucial o que ele define como “pacto autobiográfico”: um acordo implícito entre o autor e o leitor, no qual o autor, narrador e protagonista do texto são idênticos. Esse “contrato” se localiza e se conforma fora do texto em si, mas dentro do livro, no nome do autor na capa e no folha de rosto. Isso representa, de acordo com Lejeune, nada mais do que um “compromisso de responsabilidade” por parte do autor, de que ele é a pessoa que diz ser (autor, narrador,

¹⁴ Ver Jeffrey Hill (2004).

protagonista), e que o leitor pode atribuir a vida e “a produção de todo o texto escrito” a ele (LEJEUNE, 1989, p. 11).¹⁵

Essa concepção de autoria, no entanto, é complicada por colaborações autobiográficas e a influência do *ghostwriter*. O *ghostwriter*, por certo, não é um fenômeno exclusivo do século XX. Memórias anteriores de pessoas famosas, como políticos, se beneficiavam frequentemente de “secretários” literários que elaboravam ou melhoravam o texto. No século XIX, a editora ou o próprio autor poderiam contratar um “cortador”, um “limpador” ou, de forma crescente, um “*ghostwriter*”; em qualquer caso, a colaboração era geralmente mantida em segredo. No século XX, a prática estava firmemente estabelecida e era associada especialmente às autobiografias “comerciais” de estrelas do entretenimento e do esporte – mesmo com a forma com que esses livros foram produzidos permanecendo escondida, forçando-nos a adivinhar como tais colaborações funcionassem na prática. No entanto, o exame de autobiografias escritas por *ghostwriters* feito por Lejeune é um ponto de referência útil. Nesses livros, ele sugere, o “exercício de memória” e o “exercício de escrita” são separados, de forma que, na prática, o sujeito da autobiografia (a quem ele chama de “modelo”) se torna a *fonte* do trabalho, ao passo que o “escritor” estrutura, controla e comunica a narrativa. Isso envolve o último progredir da posição de entrevistador, escutando e questionando a “fonte”, para um papel mais próximo do romancista no momento da escrita (LEJEUNE, 1989, p. 186-189). Nesse ponto, o “escritor” precisa se identificar com o “modelo” e “se imaginar *como* o modelo, de modo a poder ser capaz de escrever em seu lugar” (LEJEUNE, 1989, p. 190-191, ênfase do autor). Além de garantir autenticidade na memória e no tom no lugar do modelo, o escritor deve adaptar as fontes às convenções do gênero e às demandas do mercado. Lejeune enxerga isso como “um tipo de escrita flutuante”, negociando necessariamente “entre a oferta do modelo e a demanda do público” (LEJEUNE, 1989, p. 190-191).

¹⁵ Ver também Marcus (1994, p. 251-254) e Anderson (2001, p. 2-3).

É crucial, entretanto, perceber que ainda que tal colaboração possa levantar dúvidas sobre autoria e identidade, ela “retorce”, e não destrói, a base do contrato autobiográfico. Lejeune nos lembra que a noção de autor se refere tanto à iniciativa como à produção, e que a produção de um texto pode ser compartilhada entre diversas pessoas. O editor geralmente desempenha um papel fundamental aqui, comissionando o livro, em primeiro lugar, e facilitando a colaboração entre o modelo, cujas memórias são exploradas, e o *ghostwriter* profissional. Em última análise, no entanto, os fatos sobre como uma autobiografia foi produzida são menos importantes do que o resultado final da colaboração. Ainda que muitas autobiografias exibam algum tipo de autoria compartilhada em sua construção, é a vida do “modelo” que é contada e é este que assina o livro e é assim reconhecido como “autor”. Qualquer que seja sua contribuição ao texto, o modelo assume responsabilidade e controle simbólico pelo texto aos olhos do leitor, através de sua assinatura na capa e na folha de rosto. Não é muito importante, dessa forma, nessa ótica, se a caneta de alguém interveio, uma vez que o leitor ainda tem “fé” na assinatura autobiográfica (LEJEUNE, 1989, p. 193-195).¹⁶

A utilização de *ghostwriters* é, há muito tempo, uma forma lógica de criar autobiografias daqueles que não iriam, ou não poderiam, escreve-las. Era uma característica tanto de artigos de jornais quanto de livros de autobiografias esportivas. É certo que as estrelas de alguns esportes eram consideradas mais instruídas do que as de outros, e assim esperaria-se que precisassem de menos auxílio no processo de escrita. Jogadores de críquete, por exemplo, especialmente aqueles advindos da classe média, tendiam a serem considerados capazes de escrever seus próprios livros. Até mesmo o rebatedor de vinte e oito anos de Kent e da seleção inglesa, Colin Cowdrey, que teve auxiliares para ajudá-lo com fatos e números, enfatizou na “Introdução” a *Time for Reflection* (1962) que “escrevi essa história sozinho” (COWDREY, 1963, p. 9). Mas parece mais provável que a maioria das autobiografias esportivas do século

¹⁶ Pipkin (2008) levanta uma questão semelhante.

XX tenham tido, de fato, colaboradores, estando isso explicitamente reconhecido ou não. Isso pode ser atestado pela ênfase dada àqueles livros escritos completamente pelo próprio sujeito.

O ex-jogador profissional e líder sindical Jimmy Hill começou seu livro *Striking for Soccer*, de 1961, com o seguinte parágrafo:

O mais incrível sobre esse livro é que o escrevi sozinho. Em nossa época espacial moderna, onde fantasmas não deveriam mais existir, mas existem, isso é realmente surpreendente. Não que eu seja contra livros de *ghostwriters* – pois o que poderia ser melhor do que unir a habilidade jornalística de um escritor e o conhecimento de um especialista do esporte para o aproveitamento do público? Nesse caso, foi apenas a minha forte determinação de fazê-lo sozinho que me persuadiu a fazer dele “trabalho só meu”. Eu fiz isso considerando que sua linguagem e conteúdo podem fornecer um argumento melhor para a utilização de *ghostwriters* em histórias de esportistas do que em qualquer outra (HILL, Jimmy, 1961, p. 1).¹⁷

Admitindo que escrever “não era uma passatempo do qual eu gostava” (GRACE, 1980, p. xvi), W. G. Grace utilizou *ghostwriters* em ambos os volumes de memórias nos anos 1980. O colaborador em *Cricketing Reminiscences*, o jornalista e escritor religioso Arthur Porrit, considerou mais tarde que “não seria errado dizer que eu escrevi o livro. Grace tinha muitas histórias, experiências e lembranças do críquete, mas ele é um homem incomumente inarticulado, e se ele fosse escrever sua própria biografia, ela nunca veria a luz do dia”. Porrit teria aparentemente passado três turnos por semana no escritório do jogador de críquete entrevistando Grace, e tentando “despertar nele um fluxo de lembranças”, ainda que em muitas ocasiões “eu não tinha sucesso e saía com material que não era suficiente nem para um parágrafo” (PORRITT, *apud* RAE, 1998, p. 435).¹⁸ Alguns poucos autores demonstravam o processo de colaboração. Ao introduzir sua história de vida seriada aos leitores de *Boxing News*, em 1949, Jock McAvoy revelou como tinha contatado um editor do jornal para ajudá-lo a compilar suas recordações, “porque escrever não é a minha praça e nunca vai ser”. Por vários

¹⁷ O autor faz referência a fantasmas no início do parágrafo devido ao termo *ghostwriter*, que significa, literalmente, “escritor fantasma” (N. do T.).

¹⁸ O principal *ghostwriter* de Jack Hobb era Jack Ingham, que trabalhou com ele em autobiografias e colunas de jornais. Ver John Arlott (1981, p. 84).

dias o *ghostwriter* “sentava ao final de minha cama e me encorajava a falar, checando meus fatos com um registro detalhado de minhas lutas que trazia consigo, me levando a desenvolver os comentários que o interessavam em especial”.¹⁹ Da mesma forma, o colaborador David Jack, um jornalista de futebol do *Empire News*, aparentemente passou finais de semana na casa da família de Len Shackleton, jogador do Sunderland, enquanto trabalhavam juntos em seu controverso livro, *Clown Prince of Soccer* (1955) (MALAM, 2004, p. 134; SHACKLETON e JACK, 1955). Na maioria dos casos, entretanto, a contribuição do *ghostwriter* não foi reconhecida na “assinatura” do trabalho (ou seja, no nome na frente do livro), mas meio escondida na contracapa (“com”, “como contado para”, “com a cooperação de”, ou “editado por”), nos agradecimentos ou nos direitos autorais do livro.²⁰

Estruturas

Vidas esportivas não são escritas em isolamento cultural. Vários modelos de construção e modos de contar história estão disponíveis para a prospecção dos autobiógrafos. Autores constroem suas narrativas “costurando experiências selecionadas em uma história inteligível”, mas também são guiados e restringidos pelas convenções dominantes de escrita autobiográfica (BJORKLUND, 1998, p. 37). Em uma discussão fascinante e ampla, Garry Whannel (2002) demonstrou o modo com que a mídia organiza e transforma as vidas de astros do esporte em narrativas, moldando e remodelando, de forma constante, suas histórias de vida de acordo com as mudanças de suposições e preocupações dominantes. Biografias e autobiografias esportivas são, sob esse ponto de vista, um meio fundamental em que essas vidas esportivas são narradas e disseminadas para o público. Nesse contexto, Whannel identifica o que ele vê como os dois principais modelos de biografias esportivas. O primeiro, a

¹⁹ Jock McAvoy. “Gloved dynamite! The fighting life-story of a great champion – told by himself”. *Boxing News*, Londres, 23 mar. 1949.

²⁰ Ver, por exemplo, Harold Larwood e Kevin Perkins (1967), Jimmy McIlroy e David R. Jack (1961), Tom Finney e Bob McNab (1955) e Tom Whittaker e Roy Peskett (1958).

“história de sucesso de ouro”, é geralmente escrita na esteira de grandes triunfos esportivos e é estruturada em uma progressão cronológica tradicional ao longo da carreira e da vida, a não ser que o momento de triunfo seja utilizado como prefácio e clímax do livro. Em contraste, a narrativa chamada de “altos e baixos” é uma abordagem favorecida pelas figuras menos celebradas do esporte, e é caracterizada pela oscilação entre o sucesso e a derrota, mas sem uma conclusão vitoriosa; em uma de suas variantes, a narrativa de “ascensão e queda”, ela contrasta uma ascensão à glória inicial, com subsequente declínio de talento, motivação e sucesso. Whannel reconhece que as histórias contadas dentro dessas estruturas básicas são evidentemente definidas pelas diferentes percepções de masculinidade e moralidade, mas que, ainda assim, destaca a importância dessas abordagens como guias, modelos ou mapas para a narrativa de futuras vidas esportivas (WHANNEL, 2002, p. 52-63).

Por mais que seja útil, o relato de Whannel não contém nenhuma referência ao impacto de tradições mais amplas de escrita autobiográfica. As vidas de atletas do século XX não foram escritas em um vácuo esportivo: uma complicada mistura de modelos e influências literárias as influenciaram. Vincent (1981, p. 15-19) demonstrou como autobiógrafos da classe operária do século XIX se basearam em dois modelos específicos de auto-expressão. O primeiro desses era a autobiografia espiritual, uma tradição que remontava ao século XVII. Ainda que as narrativas de redenção e de crescimento espiritual fossem menos comuns em na largamente secularizadas memórias de artesãos e artífices, a tradição continuava a influenciar a modelagem, o tom moral e a proposta de trabalhos mais tardios. Uma impressão similar pode ser detectada nas narrativas de conversão de autobiógrafos socialistas do século XIX, nas quais o caminho para a iluminação política era geralmente moldado por momentos dramáticos de despertar ideológico (MAYNES, 1995, p. 38-39). A segunda tradição, oral em sua reminiscência, é igualmente significativa para nossos propósitos. Havia conexões claras entre a escrita autobiográfica e tradições familiares ou comunais do modo de contar histórias. Muitas memórias escritas

começaram como contos passados por colegas, amigos ou familiares e, ao serem convertidos em literatura formal, o autor ou tentava tornar permanente uma cultura oral em risco ou buscava um público maior (VINCENT, 1981, p. 19-22). David M. Hopkin também identificou o significado das histórias transmitidas oralmente nas memórias de marinheiros e soldados franceses. Ele sugere que ambientes como “navios e casernas (...) oficinas de artesãos, choupanas de lenhadores, cabanas em fazendas e prisões”, onde grandes números de jovens trabalhavam e viviam juntos, se transformavam em “viveiros de talento narrativo” nos quais contar de histórias se tornou uma “atividade valorizada” (HOPKIN, 2004, p. 187). Além disso, Maynes demonstrou como autobiografias proletárias francesas e alemãs se inspiraram em diversos modelos e gêneros para estruturar seus relatos e capturar suas experiências, de histórias picarescas e contos de fadas a “histórias de ascensão e sucesso” mais familiares à autobiografia de classe média (MAYNES, 1995, p. 34-38).

Ainda que muitos autobiógrafos esportivos e seus colaboradores fossem provavelmente estranhos a tais tradições, os textos que produziam carregavam suas influências de diversas formas. Jeffrey Hill (2004, p. 174) caracterizou a história esportiva típica como “um conto de crescimento moral de um peregrino, ensinando que conquistas esportivas são resultados de uma busca obstinada à excelência, diante de muitos obstáculos, físicos e morais, colocados no caminho do sucesso”. Essa ideia de vida esportiva como um crescimento moral e uma conquista profissional exerceu influência especial nos autores de autobiografias esportivas do pós-guerra. No futebol em particular, as vidas escritas pelos próprios jogadores, como Eddie Hapgood, Stanley Matthews e Tommy Lawton, foram, de diversas formas, representações de um novo “modelo” de profissional autoconfiante, cujas habilidades esportivas tinham definido suas vidas, levando-os em uma jornada de autocrescimento.²¹ A marca da tradição oral também pode ser detectada no tom e na estrutura dessas obras. A “voz” do autor como

²¹ Ver Woolridge (2008, p. 627-630).

narrador era essencial nesse sentido. Assim como navios e casernas, vestiários, pavilhões e ginásios eram locais ideais para a contação de histórias masculinas, onde a expressão oral carregava consideravelmente mais autoridade e peso do que o texto escrito. Fossem escritas por *ghostwriters* ou não, as autobiografias publicadas eram geralmente baseadas em reminiscências faladas.²² Títulos como *Talking Football*, de Alf Ramsey (1952) e *George Young Talks Football* (YOUNG, 1958) enfatizaram isso, assim como o estilo vernacular no qual muitos livros foram escritos. Nesse caso, a “voz” do texto era a do autor falando, e não escrevendo (BJORKLUND, 1998, p. 42). Autenticidade era crucial. John Arlott achou que o colaborador David Jack havia “feito um trabalho muito bom em reproduzir o autêntico Jimmy McIlroy” em sua autobiografia, ao passo que o jornalista Peter Wilson criticou os *ghostwriters* de algumas histórias de vida do boxe, que “fizeram os boxeadores tão ‘refinados’ que eles iriam certamente desmaiar ao ver sangue, ao invés da sede de derramar mais dele” (WILSON, 1949, p. 10).²³

Muitas autobiografias esportivas combinaram interlúdios anedóticos, memórias e histórias com a estrutura linear mais convencional da autobiografia masculina de classe média. Era comum que tais livros contivessem mais de vinte ou trinta curtos capítulos, de aproximadamente meia dúzia de páginas cada, com cada um subdividido, por sua vez, em episódios específicos, unidos em uma sequência cronológica frouxa. Nesse sentido, suas tramas parecem ter sido influenciadas por formas picarescas de narrativa, da mesma forma com que as autobiografias populares mais antigas. O jornalista esportivo John Macadam descreveu sua abordagem de narrativa, a qual ele adotou em suas memórias, como uma estrada que “não vai a nenhum lugar muito importante”, mas que era “feita de todos os tipos de fragmentos de

²² Ver Vincent (1981, p. 28).

²³ John Arlott. Review of Jimmy McIlroy’s *Right Inside Soccer*. *Sports News: The Magazine of the Sportsman’s Book Club*. Ago. 1961, p. 2. Para o escritor Hunter Davies, colaborador em livros com jogadores de futebol como Dwight Yorke e Paul Gascoigne, o *ghostwriter* “é na verdade um ventríloquo (...). Você está buscando pela voz percebida, a que o público acredita e que irá aceitar”. Hunter Davies. “Kiss and Tell”. *Guardian*, Londres, 17 Mai. 2008.

experiência, batidos e moldados pela passagem do tempo e do tráfego de eventos” (MACADAM, 1957, p. 10). Outros livros evitaram completamente um formato cronológico estrito. Um bom exemplo seria *Refereeing 1,000 Fights*, de Corri (1919). No início do livro, o autor comentou sobre sua abordagem à escrita por um longo trecho:

Existem duas formas nas quais um homem pode contar a história de sua vida: ele pode adotar o método de um arquiteto, que prepara um plano meticuloso para o construtor, ou ele pode adotar o modo acidental – chamemos de método do felizardo sortudo – de contar histórias, que segue seu caminho ao passo que incidentes e ideias que surgem à mente.

Esse será o meu método.

Irei cobrar minha memória para que relembre dos mais gloriosos episódios de minha longa carreira como juiz de boxe, (...) ou melhor ainda, irei ficar de lado e pegarei os conteúdos da memória que saírem (CORRI, 1919, p. 11).

Em outro lugar, ele escreveu:

Você não vai receber uma revisão ordenada, com os eventos de um ano cuidadosamente eliminados antes que os eventos do próximo ano sejam abordados. Não estou escrevendo “a história da minha vida” da forma que a frase é normalmente entendida; estou apenas mergulhando na piscina fortuita da memória, e espero, para o seu bem e para o meu, que os prêmios superem os fracassos (CORRI, 1919, p. 1-2).

O recontar de anedotas, como Vincent demonstrou, tinha função importante para além do entretenimento direto do leitor. Elas não apenas serviam como marcadores significativos na formação do caráter do autor, mas também, quando várias anedotas eram unidas entre si, “uma imagem da estrutura e dos costumes de toda uma seção da sociedade” poderia emergir (VINCENT, 1981, p. 22). Além das anedotas, uma narrativa fraturada e a costura entre comentários e narrativa eram típicas tanto de autobiografias esportivas como de outras formas de autobiografias, que com o tempo passaram a ser vistas como seguindo um padrão e uma fórmula (MAYNES, 1995, p. 34-38; STEEDMAN, 1992, p. 145-152). Perderíamos muito se simplesmente repudiássemos essas formas de escritas autobiográficas mal construídas e inferiores e não reconhecêssemos as ideias importantes que elas comunicam sobre vidas e culturas esportivas.

O conteúdo era muito ligado à estrutura. As histórias de vida de figuras esportivas geralmente adotavam um padrão familiar, começando com o histórico familiar, a infância e a vida escolar, antes de proceder rapidamente para as lutas para se estabelecer e depois construir uma carreira no esporte no início da vida adulta. A maioria era escrita quando o indivíduo ainda era relativamente jovem, no meio de uma carreira de sucesso ou brevemente após sua aposentadoria do esporte, e por isso poderiam ser mais acertadamente definidas como narrativas de carreiras, ao invés de histórias de vida. O foco era geralmente nas atividades públicas e nas conquistas do autor, com pouco espaço para suas relações particulares e vida doméstica. Quando isso aparecia, o particular tinha, em geral, uma servido a um motivo público, com a vida familiar retratada como algo que fornecia a plataforma emocional segura sobre a qual o sucesso profissional poderia ser construído.²⁴

Astros de sucesso no esporte já eram “conhecidos” do público pessoalmente ou através de relatos de suas atuações, mediadas por rádio, cinejornais e jornais. O que suas autobiografias ofereciam era a recontagem pessoal de momentos gloriosos, misturados com acesso controlado ao mundo íntimo dos vestiários. Os editores de Lawton prometeram que

em *Football is my Business* você conhecerá personalidades famosas do futebol (...) jogará mais uma vez partidas que entraram nos livros de história (...) grande emoção para a memória com grandes transferências e jogos internacionais. Você irá aprender segredos dos bastidores (...) leia sobre o plano que deu o título da Liga inglesa para o Everton. (LAWTON e PESKETT, 1946)

Soccer from the Shoulder, de Tommy Docherty (1960) ofereceu “a visão do jogador de futebol” de colegas e oponentes famosos, e uma entrada “na atmosfera” de seu antigo clube, Preston North End. O prólogo do livro do boxeador Freddie Mill, *Twenty Years* (1950),

²⁴ Ver, por exemplo, o curto capítulo de Tommy Docherty (1960, p. 139-140), “My Wife” (Minha Esposa), que mencionava o apoio dela por sua carreira profissional. Para uma discussão sobre a “função pública do espaço privado” nas autobiografias da classe média vitoriana, ver Loftus (2006, p. 71-78).

também garantia ao leitor que o autor “leva você para dentro do ringue com ele” (DALBY, 1950, p. xi).

A promessa de marketing de “histórias dos bastidores” e de “revelações íntimas” era, no entanto, restrita ao mundo externo do autor.²⁵ Autobiografias esportivas eram caracterizadas pelo foco da vida externa, e não da interna, e eram marcadas pelo que Amelang (1998, p. 123) chama de “o silêncio do eu”. Pouco espaço da narrativa era destinado para a auto-revelação. Alguns livros continham discussões sobre o “eu” em um capítulo específico, mas mesmo aqui havia pouco lugar para a introspecção. Debruçando-se sobre a comida favorita, os hobbies e as rotinas de casa, seções como “Esse sou eu e meu estilo de vida”, de Alf Ramsey (1952, p. 61-64), “Esse sou eu”, de Jackie Milburn (1957, p. 73-78) e “Esse é Nat Lofthouse”, de Nat Lofthouse (1954, p. 42-45) existiam para reforçar a imagem dos protagonistas como pessoas comuns.²⁶ Não se tentava explicar como o talento esportivo foi obtido e estimulado, nem interpretar os altos e baixos da carreira. Poucos autobiógrafos eram capazes, ou tinham a intenção, de racionalizar sucessos e fracassos (HILL, Jeffrey, 2004, p. 175). “Eu comecei a ‘jogar’” foi o melhor que Lofthouse (1954, p. 32) pôde oferecer para sua melhoria em forma e sua convocação para a seleção inglesa na temporada de 1950-51.

Autobiografias esportivas raramente eram egocêntricas: muitas eram caracterizadas por auto-apagamento e modéstia. Até mesmo os esportistas mais famosos pareciam seguros enquanto autores ao discutir habilidades e técnicas, e julgando personalidades de outros. Reminiscências individuais se misturavam com histórias de adversários, times, campeonatos, e o *milieu* cultural no qual a vida era vivida, cruzando com frequência os limites entre autobiografia e biografia. Poucas vidas esportivas poderiam assim serem chamadas de

²⁵ As citações são das sinopses de “Over the Bar”, de Jack Kelsey, e de “Golden Goals”, de Jackie Milburn, anunciadas como parte da “Biblioteca do Futebol” do Clube do Livro de Futebol (Soccer Book Club), no verso da sobrecapa do livro de Docherty (1960).

²⁶ Ver também Jim Armfield (1965, p. 97-101) e Richard Holt (2004, p. 162).

documentos de auto-exame e descobrimento. Em tais casos, o eu representava “menos o sujeito da escrita do que seu ponto de vista” (AMELANG, 1998, p. 124).

Cultura Ocupacional

Autobiógrafos estavam em terreno mais confortável quando escreviam sobre a cultura ocupacional do esporte. Esse era um objeto popular. Para os esportistas profissionais de meados do século XX, o trabalho era a fonte de sua identidade social e de sua popularidade. Ele fornecia não só satisfação e sentido, mas também a base para o sentimento de identidade do indivíduo. Por essa razão, era muito improvável que reduzissem o trabalho para as margens de suas histórias de vida, como os autobiógrafos da classe operária de antes fizeram (RODERICK, 2006, p. 15-16; BURNETT, 1994, p. xv). Ainda assim, havia uma importante distinção nesses textos entre as dimensões pública e privada do trabalho no esporte. A autobiografia *Footballer's Progress*, do jogador de futebol Raich Carter (1950), fornece um bom exemplo disso. Carter deu um considerável espaço da narrativa para momentos públicos chave de sua carreira: sua estreia profissional, sua primeira participação na seleção inglesa, e duas vitórias na final da Copa da Inglaterra antes e depois da Segunda Guerra Mundial. A aclamação pública da multidão formou uma parte central dessas lembranças. O livro se inicia com o rugir da multidão – “um canto latejante persistente, acelerando no ritmo e penetrando em nosso próprio barulho e agitação” (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 13-14 – escutado do vestiário depois que seu time Hull City garantiu a ascensão à segunda divisão da Liga da Inglaterra em 1949. O barulho e a visão da multidão levaram Carter a refletir sobre “outras multidões que destacaram minha carreira” e ele retorna a esse intermitentemente ao longo do livro. Sua principal lembrança de sua primeira aparição no Hampden Park de Glasgow, em 1937, por exemplo, falava do barulho da torcida, que “começou como um murmurar rolando pelo estádio e crescendo do nada para um rugido grande e formidável que vinha de todos os

lados” (CARTER e LANCHBERY, 1950, 140). Carter também dedicou um capítulo à descrição de suas experiências no “Retorno a Sunderland” depois que seu time conquistou a Copa da Inglaterra em Londres, no estádio de Wembley, naquele mesmo ano. Ele falou da “grossa onda de concreto de barulho ensurdecedor” que saudou a chegada do time em sua cidade sede e a visão, “que nunca será esquecida”, de pessoas “soldadas em uma única massa, com fileiras intermináveis de bandeiras ao vento, lenços e rostos ovais, brancos na luz do anoitecer” (CARTER e LANCHBERY, 1950, 136-137).

O que é interessante, entretanto, é que Carter também demonstrou embaraço com a ideia do futebol como atuação pública. Não era só isso. Muitos desses momentos de conquista e aclamação tivessem sido intercalados com tentativas de se retirar para o espaço privado e doméstico: seu casamento “secreto” na semana anterior à final da Copa de 1937, por exemplo, e a subsequente escapada das celebrações da vitória “para a paz e privacidade de nossa nova casa” (CARTER e LANCHBERY, 1950, p.138). Carter também não deixava dúvida ao priorizar considerações pessoais e privadas sobre seu trabalho:

[Um] jovem que decide por uma carreira no futebol o faz principalmente porque ele ama futebol e que joga-lo; e o fato de que ele vai também vai ser uma figura pública é uma consideração secundária.

Um ator, por exemplo, começa com total conhecimento de que ele precisa segurar e entreter uma plateia. Com a exceção de um ou dois que podem deliberadamente jogar para a torcida, um jogador de futebol nunca está entreterendo seus espectadores de forma consciente. Seu trabalho é vencer o jogo com a ajuda de seus dez companheiros (CARTER e LANCHBERY, 1950, p.51).

Por esse motivo, ele aconselhou jovens jogadores a evitar ler as reportagens dos jogos nos jornais e a se lembrar, no lugar disso, “que as pessoas que sabe se você jogou bem ou não são, primeiramente e principalmente, você mesmo, seus colegas de time, seu técnico e seu preparador físico” (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 53). Em outros trechos, Carter sugere sentimentos de alienação do espetáculo público do esporte profissional. A longa descrição de sua “Primeira Visita a Wembley” estava repleta de detalhes dos bastidores das preparações e

de suas emoções e ansiedades durante o dia (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 76-81). Sua primeira experiência da atmosfera do estádio meio vazio antes do jogo “deu um frio em meu estômago” (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 57), e ainda assim toda a cena “era distante e irreal e eu parecia curiosamente separado de tudo aquilo (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 77). Durante o jogo propriamente dito, a falta de consciência de Carter sobre o jogo e a passagem do tempo (ele fala em outro lugar sobre estar “sob um torpor” durante um de seus jogos mais importantes) e reminiscente do sentimento de transcendência geralmente associado à atuação de elite e é comumente comunicado em autobiografias de astros do esporte americanos (PIPKIN, 2008, p. 76-96).

Por outro lado, Carter e outros autoibiógrafos gastaram espaço considerável descrevendo a cultura e as relações do local de trabalho do esporte. Se a discussão sobre a rotina de trabalho nos campos de treinamento era limitada, Carter era especialmente sincero sobre as relações e a camaradagem no vestiário. Sua descrição do Sunderland como “um clube alegre, (...) cheio de diversão, bom humor e trotes” e os detalhes de “brincadeiras” e “pegadinhas” entre jogadores é reminiscente de estudos mais contemporâneos da cultura adolescente masculina peculiar do futebol, na qual ser capaz de “dar risadas” e aguentar as “brincadeiras” era fundamental para ser aceito como “um dos rapazes” (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 41-42; PARKER, 2001). Da mesma forma, a representação de Carter sobre a cultura do vestiário enfatizava a solidariedade de grupo entre os colegas de equipe, que existia ao lado da inevitável competição dentro do time e entre equipes. A segurança tranquila demonstrada a ele por jogadores com mais experiência dentro e fora de campo teve grande destaque em suas memórias sobre o início de sua carreira. As brincadeiras de vestiário poderiam ter seu lado negativo, é claro, como as zombarias sobre idade, o “inimigo comum a todos os jogadores de futebol”, de acordo com Carter, sendo uma característica consistente da cultura dos jogadores nos clubes pelos quais jogou (CARTER e LANCHBERY, 1950, p. 41,

210-211; GEARING, 1997). O espaço considerável das narrativas dedicado à descrição de amizades e de camaradagem sugerem que a cultura do trabalho era uma importante fonte de sentido na vida profissional e privada de Carter. Isso também dá credibilidade ao potencial de autobiografias para atuar como pontos de entrada para a "vida interior" e o "mundo fechado" do futebol, com a capacidade de "transmitir os processos, dramas e conflitos da vida no jogo profissional".²⁷

Os autores também davam voz a ansiedades sobre sua liberdade para controlar suas carreiras e suas vidas. Diane Bjorklund examinou com detalhes o grau com que autobiógrafos americanos assumiram responsabilidade por suas ações no curso de suas vidas. No cerne de muitos dos textos estudados por ela havia um trabalho sobre a relação entre o eu e a sociedade, e a relativa influência de determinantes internos e externos do comportamento humano (BJORKLUND, 1998, p. 158-166). Ainda que poucos autobiógrafos esportivos britânicos pareçam se encaixar perfeitamente nos modelos de identidade descritos por Bjorklund, muitos tentaram reconciliar a importância da determinação e atividade individual, e do autocrescimento, com a influência do ambiente cultural e social mais amplo, e, mais especialmente, com os papéis do destino e do acaso. A narrativa da autobiografia de Freddie Mill, por exemplo, ainda que seja caracterizada por referências ao treinamento árduo necessário para estabelecer e sustentar sua carreira profissional no boxe, voltava-se em torno de momentos de sorte e azar. Assim, seu interesse inicial no boxe foi despertado por sua casual tarefa como um jovem aprendiz na mesma rota de entrega de leite do irmão de um ex-campeão peso pena do País de Gales. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, uma série do que Mills considerava como acidentes fortuitos o levou a conhecer seu parceiro de treino, e amigo, Duggie Bygrave e a dirigir a equipe de boxe de onde servia como Instrutor de Treinamento Físico (MILLS, 1950, p. 14, 70-71). O destino também aparecia com destaque nas histórias de

²⁷ Ver Alan Tomlinson (1983, p. 152-153).

vida de jogadores de futebol. O goleiro Sam Bartram, por exemplo, considerava a superioridade do time adversário em um jogo classificatório crucial para o Charlton Athletic como “quase (...) um ato especial da providência para permitir que ele provasse seu valor”. “O destino foi bom pra mim”, ressaltou Bartram, e ele foi contratado como profissional após o jogo (BARTRAM, 1956, p. 41-42). Sorte e destino, para o melhor ou pior, eram geralmente oferecidos como explicações para momentos de virada chaves, e sem dúvida refletiam como os jogadores percebiam o curso de suas carreiras e como escolhiam narrar suas vidas.²⁸

A falta de controle sobre a carreira era um tema recorrente em autobiografias, como *Twenty Years*, de Mills (1950). Ainda que praticamente não houvesse reclamação direta de exploração, a narrativa geralmente distanciava o autor das decisões fundamentais que estruturavam sua carreira e sua vida.²⁹ Ao descrever seu primeiro contrato com o agente Bob Turner, por exemplo, Mills (1950, p. 20) comentou: “Eu não sabia do que se tratava, exceto que Bob seria meu agente por cinco anos e que ele levaria vinte e cinco por cento do que eu recebia depois que as despesas fossem deduzidas”. Da mesma forma, ainda que a decisão de lutar com Bruce Woodcock menos de um mês depois de sua retumbante derrota para Gus Lesnevich, em 1946, tenha sido, em última análise, sua, Mills sugeriu que a pressão para não adiar a luta tinha sido considerável: “Parecia que eu deixaria todos do trabalho na mão” (MILLS, 1950, p.137-138). O mais intrigante foi que Mills lembrou que a decisão de se aposentar em janeiro de 1950, depois de perder o título mundial de meio-pesados para Joey Maxim, tenha sido “mais feita *para* mim do que *por* mim” (MILLS, 1957, p. 166). No entanto, o relato de seu agente (e sogro) Ted Broadribb sobre o incidente foi de que Mills aceitou, de forma relutante, a “fechar a conta” durante o café da manhã por pedido de sua família (BROADRIBB, 1952, p. 121-122). O próprio Mills lembrou que sua aposentadoria tinha

²⁸ Sobre a ênfase dada à sorte nas vidas de jogadores de futebol profissional, ver Roderick (2006, p. 18-19).

²⁹ Sobre a exploração do trabalho no boxe de forma mais geral, ver John Sugden (1996, p. 51-55).

sido anunciada nos jornais enquanto ele ainda chegava a sua decisão. Depois, ao questionar Broadribb, o agente teria dito: “Bem, já está nos jornais agora, então talvez seja melhor deixar assim” (MILLS, 1950, p. 201).³⁰ Talento individual, determinação e auto-aperfeiçoamento certamente não eram ignorados nessas autobiografias, mas, da mesma forma, poucos autores se apresentavam como os únicos arquitetos do curso de suas vidas. O destino e as decisões de outros receberam papéis importantes nas histórias de suas vidas esportivas.

Conclusão

As dimensões pessoais e públicas do trabalho e questões de autonomia sobre as escolhas de suas carreiras eram apenas dois dos muitos dos proeminentes motivos nas autobiografias esportivas britânicas desse período. Uma análise mais longa precisaria examinar, entre outras coisas, a natureza de gênero das histórias contadas por astros masculinos e as características das autobiografias esportivas de mulheres; os imperativos comerciais e a influências de editores; e o público para esses textos e o efeito que isso teve na forma como as narrativas foram construídas e os livros comercializados. Também seria necessário lidar com alguns dos mitos e metáforas relacionadas à infância, ao corpo e à morte da carreira esportiva, que são analisados tão meticulosamente no estudo de Pipkin (2008) sobre autobiografias esportivas americanas. Além disso, se esse artigo considerou o desenvolvimento das autobiografias esportivas do século XIX aos anos 1950 e 1960, é necessária uma investigação mais detalhada sobre um gênero que passou por uma “transformação importante” a partir de meados da década de 1950 (TAYLOR, D., 2006, p. 112). A absorção gradual do esporte profissional na cultura de celebridade pode ter levado a uma linha mais confessional de histórias e vida envolvendo revelações pessoais sobre “bebidas, sexo, drogas e depressões,

³⁰ Ver também Jack Birtley (1977, p. 154-155) e James Morton (2004, p. 171).

riqueza e estilo de vida”.³¹ Mas é igualmente importante o modo com que autobiógrafos tentaram entender e interpretar suas vidas de forma simultânea, tendo em vista gerenciar cuidadosamente a imagem que apresentam de si mesmos de modo a refletir as expectativas do público. As autobiografias do final do século XX, portanto, precisam ser examinadas não só como uma forma de memórias de celebridades, mas também como o que Bjorklund chamou de “engenhoso ato de auto-interpretação pública” (BJORKLUND, 1998, p. 42).

Esse artigo sugeriu uma abordagem às autobiografias de esportistas menos preocupada com sua confiabilidade ou seu valor de informação direta, e mais com seus estatutos de veículos de identidade subjetiva e auto-representação. Como textos individuais, a maioria teve valor literário limitado e muitas parecem sem graça e estereotipadas. Elas podem oferecer, ao menos, acesso a experiências e sentimentos individuais e um ponto de vista da ampla cultura do esporte (POLLEY, 2007, p. 126-127). Entretanto, se consideradas de maneira diferente, como formas de escritas identitárias e registros públicos, as autobiografias esportivas podem ser legitimamente reconhecidas como um subgênero distinto, que se relaciona em parte com as tradições populares e literárias, mas que com o tempo passou a desenvolver seus próprios padrões e estruturas familiares. Como forma de escrita que parece ter sido comercialmente viável para editores e autores, e que é evidentemente popular entre os leitores, já é hora que de historiadores as levarem a sério como tema para estudo por elas mesmas.

Bibliografia:

ALLISON, George. *The inside story of football*. Southall: Quaker Oats, 1938.

AMELANG, James S. *The Flight of Icarus: artisan autobiography in early modern Europe*. Stanford: Stanford University Press, 1998.

ANDERSON, Linda. *Autobiography*. Londres: Routledge, 2001.

³¹ Hunter Davies. “Kiss and Tell”. *Guardian*, Londres, 17 Mai. 2008. Ver também Michael Young e Noel Stanley (2001).

- ARLOTT, John. *Jack Hobbs: profile of the master*. Londres: John Murray, 1981.
- ARMFIELD, Jim. *Fighting back*. Londres: Soccer Book Club, 1965.
- BARKER, Richard Gorton. *Forty seasons of first-class cricket*. Manchester: John Heywood, 1908.
- BARTRAM, Sam. *His autobiography*. Londres: Burke, 1956.
- BIRTLEY, Jack. *Freddie Mills: his life and death*. Londres: New English Library, 1977.
- BJORKLUND, Diane. *Interpreting the self: two hundred years of American autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BOOTH, Douglas. *The field: truth and fiction in sport history*. Londres: Routledge, 2005.
- BROADRIBB, Ted. *Fighting is my life*. Londres: Frederick Muller, 1952.
- BUCKLEY, Jerome Hamilton. *The turning key: autobiography and the subjective impulse since 1800*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- BURNETT, John (Org.). *Useful toil: autobiographies of working people from the 1820s to the 1920s*. Londres: Routledge, 1994.
- BURNETT, John; VINCENT, David; MAYALL, David. Introduction. In: _____ (orgs.). *The autobiography of the working class: an annotated, critical bibliography - vol. 1: 1790-1900*. Brighton: Harvester Press, 1984.
- BURNETT, John; VINCENT, David; MAYALL, David (orgs.). *The autobiography of the working class: an annotated, critical bibliography - vol. 2: 1900-1945*. Brighton: Harvester Press, 1987.
- _____. *The autobiography of the working class: an annotated, critical bibliography - vol. 3: supplement, 1790-1945*. Londres: Harvester Press, 1989.
- CARTER, Raich; LANCHBERY, Edward (ed.). *Footballer's progress*. Londres: Sporting Handbooks, 1950.
- CHANDLER, Joan. The End of Sports History? Or the Beginning of Oral History Archives?. *Sporting Traditions*, n. 16, 1999, p. 41-49.
- CHAPMAN, Herbert; GRAVES, John (ed.). *Herbert Chapman on football*. Londres: Garrick, 1934.
- COMPTON, Denis. *Playing for England*. Londres: Sampson Low, 1948.
- _____. *In sun and shadow*. Londres: Stanley Paul, 1952.

_____. *End of an innings*. Londres: Oldbourne, 1958.

CORBETT, Mary Jean. *Representing femininity: middle-class subjectivity and Victorian and Edwardian women's autobiographies*. New York: Oxford University Press, 1992.

CORRI, Eugene. *Refereeing 1,000 fights: reminiscences of boxing*. 2 ed. Londres: C. Arthur Pearson, 1919.

COWDREY, Colin. *Time for reflection*. Londres: Sportsmans Book Club, 1963.

COX, Richard William. *British sport: a bibliography to 2000*, vol. 3: bibliographical studies of British sportsmen, sportswomen and animals. Londres: Frank Cass, 2003.

DALBY, W. Barrington. Foreword. In: MILLS, Freddie. *Twenty years*. Londres: Nicholson & Watson, 1950.

DEKKER, Rudolf. *Childhood, memory and autobiography in Holland: from the Golden Age to Romanticism*. Basingstoke: Macmillan, 2000.

DENTITH, Simon; DODD, Philip. The uses of autobiography. *Literature and History*, n. 14, 1988, p. 4-22.

DINTENFASS, Michael. Service, loyalty and leadership: the life tales of British coal masters and the culture of the middle class, c. 1890-1950. In: KIDD, Alan; NICHOLLS, David. *The making of the British middle class? studies of regional and cultural diversity since the eighteenth century*. Stroud: Sutton, 1998, p. 214-227.

DOCHERTY, Tommy. *Soccer from the shoulder*. Londres: Soccer Book Club, 1960.

EAKIN, Paul John. *Touching the world: reference in autobiography*. Princeton: Princeton University Press, 1992.

FINNEY, Tom; MCNAB, Bob. *Football round the world*. Londres: Sportsmans Book Club, 1955.

GEARING, Brian. More than a game: the experience of being a professional footballer in Britain. *Oral History*, n. 25, 1997, p. 63-70.

GRACE, W. G.. *Cricket*. Bristol: J. W. Arrowsmith, 1891.

_____. *Cricketing reminiscences & personal recollections*. Londres: Hambledon, 1980 [1899].

HAPGOOD, Eddie. *Football ambassador*. Londres: Sporting Handbooks, 1945.

HARDING, John. *Alex James: life of a football legend*. Londres: Robson Books, 1988.

HERD, Sandy. *My golfing life*. Londres: Chapman and Hall, 1923.

HILL, Jeffrey. 'Brylcreem Boy': inter-textual signification in the life of Denis Compton. In: BALE, John; CHRISTENSEN, Mette K.; PFISTER, Gertrud. *Writing lives in sport: biographies, life-histories and methods*. Aarhus: Aarhus University Press, 2004, p. 171-178.

_____. *Sport and the literary imagination: essays in history, literature and sport*. Bern: Peter Lang, 2006.

HILL, Jimmy. *Striking for soccer*. Londres: Peter Davies, 1961.

HOBBS, Jack. *My cricket memories*. Londres: Heinemann, 1924.

_____. *Playing for England: my test match career*. Londres: Gollancz, 1931.

_____. *My life story*. Londres: The Star, 1935.

HOLT, Richard. Cricket and Englishness: the batsman as hero. In: HOLT, Richard; MANGAN, J.A.; LANFRANCHI, Pierre (orgs.). *European heroes: myth, identity, sport*. Londres: Frank Cass, 1996, p. 48-70.

_____. Champions, heroes and celebrities: sporting greatness and the British public. In: HUNTINGTON-WHITELEY, J. (org.). *The book of British sporting heroes*. Londres: National Portrait Gallery, 1998, p. 12-25.

_____. The legend of Jackie Milburn and the life of Godfrey Brown. In: BALE, John; CHRISTENSEN, Mette K.; PFISTER, Gertrud. *Writing lives in sport: biographies, life-histories and methods*. Aarhus: Aarhus University Press, 2004.

_____. The sporting biography as historical source. Trabalho apresentado na Conferência Anual da North American Society of Sport History (NASSH). Green Bay, Wisconsin, Mai. 2005. Mimeo.

HOPKIN, David M. Storytelling, fairytales and autobiography: some observations on eighteenth- and nineteenth-century French soldiers' and sailors' memoirs. *Social History*, n. 29, 2004, p. 186-198.

HUGGINS, Mike. *The Victorians and sport*. Londres: Hambledon, 2004.

HUGGINS, Mike; WILLIAMS, Jack. *Sport and the English, 1918-1939*. Londres: Routledge, 2006.

JOYCE, Patrick. *Democratic subjects: the self and the social in nineteenth-century England*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

KANIAH, Michael David. Books and journals. In: BRIVATI, Brian; BAXTON, Julia; SELDON, Anthony (Orgs.). *The contemporary history handbook*. Manchester: Manchester University Press, 1996, p. 311-325.

LARWOOD, Harold; PERKINS, Kevin. *The Larwood Story*. Londres: Sportsmans Book Club, 1967.

LAWTON, Tommy; PESKETT, Roy (ed.). *Football is my business*. Londres: Sporting Handbooks, 1946.

LEJEUNE, Philippe. *On autobiography*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, p. 4.

LOFTHOUSE, Nat. *Goals galore*. Londres: Stanley Paul, 1954.

LOFTUS, Donna. The self in society: middle-class men and autobiography. In: AMOGONI, David (Org.). *Life writing and Victorian culture*. Aldershot: Ashgate, 2006, p. 67-85.

LONGRIGG, Roger. *The history of horseracing*. Londres: Macmillan, 1972.

LOWENTHAL, Leo. Biographies in popular magazines. In: BERELSON, Bernard; JANOWITZ, Morris (orgs.). *Reader in public opinion and communication*. Ed. rev. Glencoe: Free Press of Glencoe, 1953, p. 289-298.

MACADAM, John. *The Macadam road*. Londres: Sportsmans Book Club, 1957.

MALAM, Colin. *Clown prince of soccer? The Len Shackleton story*. Newbury: Highdown, 2004.

MARCUS, Laura. *Auto/biographical discourses: theory, criticism, practice*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

MATTHEWS, William. *British autobiographies: an annotated bibliography of British autobiographies published or written before 1951*. Hamden: Archon Books, 1968.

MAYNES, Mary Jo. *Taking the hard road: life course in French and German workers' autobiographies in the Era of Industrialization*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.

MCCOOEY, David. *Artful histories: modern Australian autobiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

MCILROY, Jimmy; JACK, David R. *Right inside soccer*. Londres: Sportsmans Book Club, 1961.

MENDOZA, Daniel. *Memoirs of the life of Daniel Menodoza*. Londres: G. Hayden, 1816.

MILBURN, Jackie. *Golden goals*. Londres: Stanley Paul, 1957.

MILLS, Freddie. *Twenty years*. Londres: Nicholson & Watson, 1950.

_____. *Battling for a title*. Londres: Panther, 1957.

MORTON, James. *Fighters: the lives and sad deaths of Freddie Mills and Randolph Turpin*. Londres: Time Warner, 2004.

ONslow, Richard. *The heath and the turf: a history of Newmarket*. Londres: Arthur Baker, 1971.

OSMOND, Gary. Shimmering waters: swimming, autobiography and social memory. *Sporting Traditions*, n. 20, 2003, p. 63-71.

PALMER, Joe. *Recollections of a boxing referee*. Londres: John Lane, 1927.

PARKER, Andrew. Soccer, servitude and sub-cultural identity: football traineeship and masculine construction. *Soccer and Society*, n. 2, 2001, p. 72-76.

PASCAL, Roy. *Design and truth in autobiography*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1960.

PERRY, Fred. *My story*. Londres: Hutchinson, 1934.

PICKFORD, William. *A few recollections of sport*. Bournemouth: Bournemouth Guardian, 1939.

PIPKIN, James. *Sporting lives: metaphor and myth in American sports autobiographies*. Columbia: University of Missouri Press, 2008.

_____. Life on the cusp: Lynda Huey and Billie Jean King. In: BOLCH, Avril H.; UMANSKY, Lauri (Orgs.). *Impossible to hold: women and culture in the 1960s*. New York: New York University Press, 2005, p. 43-64.

POLLEY, Martin. *Sports History: a practical guide*. Basingstoke: Palgrave, 2007.

POPKIN, Jeremy D. *History, historians and autobiography*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

RAE, Simon. *W. G. Grace: a life*. Londres: Faber and Faber, 1998.

RAMSEY, Alfred. *Talking football*. Londres: Stanley Paul, 1952.

RODERICK, Martin. *The work of professional football: a labour of love?* Londres: Routledge, 2006.

SHACKLETON, Len; JACK, David. *Clown prince of soccer: his autobiography*. Londres: Nicholas Kaye, 1955.

SHAW, Alfred. *Alfred Shaw, cricketer: his career and reminiscences*. Londres: Cassell and Company, 1901.

SHIPLEY, Stan. Boxing. In: MASON, Tony (org.). *Sport in Britain: a social history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 78-115.

SPARKES, Andrew C. Bodies, narratives, selves, and autobiography: the example of Lance Armstrong. *Journal of Sport & Social Issues*, n. 28, 2004, p. 397-428.

STEEDMAN, Carolyn. Past tenses: essays on writing, autobiography and History. Londres: Rivers Oram Press, 1992.

SUGDEN, John. *Boxing and society: an international analysis*. Manchester: Manchester University Press, 1996.

TAYLOR, D. J. *On the Corinthian spirit: the decline of amateurism in sport*. Londres: Yellow Jersey Press, 2006.

TAYLOR, Ernest. *Hamilton of the 'Ringers': a romance of soccer*. Londres: Sporting Handbooks, 1946.

THOMPSON, Paul. *The voice of the past: oral history*. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1988.

TOMLINSON, Alan. Tuck up tight lads: structures of control within football culture. In: _____ (org.). *Explorations of football culture*. Eastbourne: Leisure Studies Association, 1983.

TOSH, John. *The pursuit of History: aims, methods and new directions in the study of modern history*. 3 ed. Harlow: Longman, 2000.

VARDON, Harry. *My golfing life*. Londres: Hutchinson, 1933.

VINCENT, David. *Bread, knowledge and freedom: a study of nineteenth-century working class autobiography*. Londres: Europa, 1981.

WAGG, Stephen. *The football world: a contemporary social history*. Brighton: Harvester Press, 1984.

WALL, Frederick. *Fifty years in football*. Londres: Cassell, 1935.

WARNER, Pelham. *The book of cricket: new and rev. ed.* Londres: Sporting Handbooks, 1943.

WETHERED, Joyce. *Golfing memories and methods*. Londres: Hutchinson, 1933.

WHANNEL, Garry. *Media sport stars: masculinities and moralities*. Londres: Routledge, 2002.

WHITTAKER, Tom; PESKETT, Roy (ed.). *Tom Whittaker's Arsenal story*. Londres: Sportsmans Book Club, 1958.

WILDE, Jimmy. *Fighting was my business*. Londres: Michael Joseph, 1938.

WILSON, Peter. *Ringside seat*. Londres: Rich and Cowan, 1949.

WOOLRIDGE, Joyce. 'Mapping the stars': stardom in English professional football, 1890-1946. *Soccer and Society*, n. 3, 2002, p. 61-67.

_____. These sporting lives: football autobiographies, 1945-1980. *Sport in History*, n. 28, 2008, p. 620-640.

WRIGHT, Billy. *Captain of England*. Londres: Stanley Paul, 1950.

_____. *The world's my football pitch*. Londres: Stanley Paul, 1953.

_____. *Football is my passport*. Londres: Stanley Paul, 1957.

_____. *One hundred caps and all that*. Londres: Hale, 1962.

YOUNG, George. *George Young talks football*. Londres: Stanley Paul, 1958.

YOUNG, Michael W.; STANLEY, Noel. Sporting auto/biography. In: JOLLY, Margareeta (Org.). *Encyclopedia of life writing: autobiographical and biographical forms*. 2v. v.2. Londres: Fitzroy Dearborn, 2001, p. 837-40.